

Gestão estratégica de Design e Aprendizagem Situada em comunidades tradicionais locais

Design and Management of Situated Learning in Traditional Local Communities

PRETO, Seila Cibele Sitta; Mestranda; Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
cibelesittap@gmail.com

MERINO, Eugenio Andrés Diáz; Doutor; Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
merino@cce.ufsc.br

FIGUEIREDO, Luiz Fernando Gonçalves de; Doutor; Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
lff@cce.ufsc.br

Resumo

As comunidades tradicionais locais dependem do desenvolvimento do produto artesanal local para sua própria subsistência. Este artigo tem como objetivo explicitar o processo de aprendizagem situada como estratégia cognitiva nas comunidades tradicionais locais, para a valorização dos produtos, territórios e identidades por meio da gestão de design. A pesquisa se classifica como bibliográfica e exploratória abordando os conceitos de aprendizagem situada, comunidade tradicional local, identidade e território, valorização do produto local e design e gestão estratégica do design. Como resultado obtém-se uma análise entre aprendizagem tradicional e situada e seus modos, resultando em uma relação de complementariedade para as comunidades.

Palavras Chave: Gestão estratégica de design; Comunidade tradicional local; Aprendizagem situada.

Abstract

The traditional local communities depend on the development of local craft products for their own subsistence. This article aims to explain the process of situated learning as a cognitive strategy in traditional local communities, for the upgrading of products, territories and identities through design management. The research literature is classified as exploratory and addressing the concepts of situated learning, traditional local community, identity and territory, and appreciation of the local product design and strategic management of the design. As a result we obtain an analysis of situated learning and their traditional ways, resulting in a relationship of complementarity to the communities.

Keywords: Strategic Management of Design; Traditional Local Community; Situated Learning.

Introdução

No país como o Brasil, é grande o número de riquezas de culturas e etnias além das riquezas naturais, distribuídas em quase todo o país influenciaram os fatores econômicos e culturais que formam as identidades territoriais regionais. Estas identidades são compostas por comunidades tradicionais locais que produzem, geram renda e disseminam a cultura.

A cada dia as comunidades crescem demograficamente e vem perdendo suas origens e tradições por falta de apoio governamental e pelo próprio desenvolvimento local e global, isto requer uma mobilização das comunidades e da sociedade para promover a transformação desta realidade. (BUARQUE, 2008).

O trabalho artesanal desempenha um papel importante de identidade e cultura, pois seu processo não é industrializado. Tem como finalidade a produção de renda e disseminação do conhecimento da identidade territorial, com a aplicação de suas origens e tradições em produtos, os quais carregam todo o conhecimento imaterial que deve ser interpretado e codificado pela estética aliada à funcionalidade, assim determinando sua essência e personalidade.

A aprendizagem situada permite a aplicação coletiva e individualizada, respeitando o ritmo de cada integrante da comunidade, no intuito de aprender qual é sua identidade e valores. Com a aprendizagem situada inserida, neste contexto, as comunidades poderão resgatar e conhecer com riqueza de informações sobre suas origens e tradições, percebendo como a cultura da comunidade será aplicada nos produtos artesanais locais, como diferencial em relação aos produtos industrializados e como disseminação da cultura local e territorial.

No entanto a produção local das comunidades tradicionais se limita a aplicação dos conhecimentos tradicionais vindos da cultura herdada de geração a geração. Porém, não esta imbuída de conhecimentos suficientes para contribuir na inserção mercadológica e valorização dos produtos e territórios.

Assim, as comunidades tradicionais locais estão cada vez mais se extinguindo devido ao avanço do capitalismo, aos processos de industrialização, tecnologias e a globalização, pois dependem do desenvolvimento do produto artesanal local para sua própria subsistência. Se o processo artesanal for substituído pela fabricação seriada, a comunidade perderá sua função de autossubsistência, geração de renda e disseminação de cultura? E como agregar valor no produto local por meio da identidade territorial e do conhecimento tradicional sem gerar abandono dos integrantes das comunidades?

Portanto, este artigo tem como objetivo explicitar o processo de aprendizagem situada como estratégia cognitiva¹, por meio da aplicação da gestão de design nas comunidades tradicionais ou locais, para a valorização dos produtos, identidades e territórios.

Fundamentação Teórica

A fundamentação teórica a seguir baseia-se em autores e estudiosos das áreas de Cognição e Aprendizagem Situada, Comunidade Tradicional Local, Identidade e Território, Valorização do Produto Local, Design e Gestão Estratégica do Design.

Cognição e Aprendizagem Situada

A cognição situada faz parte do cotidiano das pessoas, porém estas não se dão conta de todo o raciocínio cognitivo aplicado para a resolução de problemas em cada situação. Este artigo explicita a cognição situada nas comunidades tradicionais locais e posteriormente declara que a aprendizagem situada aplicada nas comunidades como estratégia cognitiva pela Gestão do Design, objetiva a valorização dos produtos artesanais e disseminação da cultura

local e territorial.

Para Fialho (2011, p. 265), “[...] nas ciências cognitivas os indivíduos são considerados como sistemas processadores de informação, que recebem entradas, processam e geram saídas”.

O conhecimento, resultado do processo sistêmico, é produto da interação dinâmica do ser humano com a realidade. Então, a cognição é a ação efetiva, que implica no entendimento de que todo conhecer é um fazer sempre existindo uma ação ligada à operação mental.

Jean Lave introduz a cognição situada em 1988 como um processo cognitivo que “é um fenômeno não apenas psicológico, mas decorrente de relações entre ação (interna e externa) e o ambiente sociocultural identificado e reconhecido pelos indivíduos”. (FIALHO *apud* LAVE, 2011, p. 266).

O entendimento sobre a cognição situada permite esclarecimentos para a aprendizagem situada, que tem como foco este estudo, ou seja, é necessário que se compreenda as relações das ações e ambiente reconhecido pelos indivíduos.

A palavra aprendizagem tem como origem “o latim *APPREHENDERE*, de AD, “a”, mais *PREHENDERE*, “segurar, agarrar”. Sua conotação é a de “agarrar com o entendimento” (ORIGEM DA PALAVRA, 2011). A aprendizagem é analisada por diferentes formas, que foram modeladas com o passar do tempo, na tentativa de explicar o seu processo. Para Piaget (1974) a aprendizagem é como um processo de aquisição de conhecimentos, de habilidades ou de atitudes por parte do aprendiz.

O termo “situado” utilizado na expressão “aprendizagem situada” “tem significado intrínseco de que a visão da atividade cognitiva do indivíduo é formada pela tríade indivíduo-tarefa-contexto dentro da qual os indivíduos interagem socialmente nas tarefas de construção do saber”. (FIALHO, 2011, p. 269).

Clancey (1995 *apud* FIALHO, 2011, p. 270-271) que “ilustra a aprendizagem situada como sendo tradutora natural da forma cotidiana das pessoas agirem e descreverem seus atos”. Ainda destaca autores como Brown, Collins e Duguid (1989), abordando a visão da aprendizagem situada de forma sintética enfatizando os aspectos: “observação de pessoas mais habilidosas; culturamento pela linguagem em tarefas; explicitação do tácito; introjeção dos termos e significados com seus respectivos valores associados às ações de quem está fazendo; aprender fazendo; deixar os aprendizes fazerem e expressarem o que estão fazendo para que a regulação se dê pelo grupo; permitir que a habilidade na solução de um problema seja individual, mas que nasça do grupo”.

De acordo com Lave e Wenger (1991) a aprendizagem é situada, pois é uma função da atividade, do contexto e da cultura na qual ela ocorre. E segundo Lave está apoiada em dois princípios: “o conhecimento precisa ser apresentado e aprendido em um contexto autêntico, isso é, com elementos e aplicações que naturalmente envolveriam esse conhecimento; aprendizagem requer interação social e colaboração”. (FIALHO *apud* LAVE, 2011, p. 271).

A interação social é parte essencial da aprendizagem situada, quando os aprendizes são envolvidos em uma “comunidade de prática” que incorpora algumas crenças e comportamentos a serem adquiridos. No ritmo em que um aprendiz se move da periferia desta comunidade para o centro, ele se torna mais ativo e empenhado no âmbito da cultura, assumindo o papel de especialista ou de experiente. (LAVE; WENGER, 1991).

A aprendizagem situada, dentro ou fora do local de trabalho ou ensino, mas com interação social colaborativa, avança a construção social do conhecimento resultando, nos aprendizes, a participação ativa em práticas das comunidades sociais e na construção de identidades em relação a estas comunidades. (WENGER; LAVE, 1999).

Na interação entre os aprendizes, Krucken (2009) diz que as dinâmicas podem ser por

cooperação, quando os atores desenvolvem a mesma atividade, ou por complementação, quando os atores desenvolvem atividades que se completam.

Antonello (2006) cita Dewey, Lewin e Piaget que concordam com o conceito de que a aprendizagem é a idéia que se tem da experiência, definindo-a como uma constante reorganização e reconstrução. A aprendizagem ocorre todo o tempo e em todas as situações em que as pessoas agem e interagem, refletem e pensam.

Segundo Terra (2000), as abordagens cognitivistas e experienciais visualizam a aprendizagem como o estudo das formas, que cognitivamente as percepções, atitudes e crenças, são alteradas de acordo com a experiência afetando o comportamento dos indivíduos.

Antonello (2006) diz que o modelo cognitivo se identifica com a teoria da gestalt², que o aprendizado ocorre a partir de *insights* e da compreensão das relações lógicas entre meios e fins, e, entre causa e efeito. Considerando a possibilidade de compreender melhor a realidade com a utilização do processo de formulação de mapas cognitivos³ que os indivíduos desenvolvem a partir de suas crenças e percepções. O autor ainda afirma que a aprendizagem experiencial é um processo natural, que ocorre por meio da interação entre o indivíduo e o ambiente, envolvendo suas experiências.

A partir dos conceitos abordados de cognição e aprendizagem situada, pode-se então prosseguir para as definições sobre comunidades tradicionais locais, suas identidades e seus territórios para que seja feita uma relação posterior.

Comunidade tradicional local, identidade e território

A comunidade tradicional local é aquela que culturalmente é reconhecida por sua herança de tradição como os Quilombolas, Caiçaras, Açorianos entre outros, que ocupam e usam seus territórios e recursos naturais para reprodução cultural, utilizando conhecimentos gerados e transmitidos pela tradição, segundo o Decreto Brasileiro nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007, Art. 30.

Algumas outras definições serão apresentadas para se chegar a um consenso sobre o termo abordado, para tanto, buscou-se no dicionário Michaelis da língua portuguesa, as palavras “comunidade”, “tradição” e “local”. Como apresentado no quadro 1 abaixo.

comunidade	tradicional	local
s.f. Estado do que é comum; paridade; comunhão, identidade: comunidade de sentimentos. / Sociedade religiosa submetida a uma regra comum. / Sociologia Agrupamento social que se caracteriza por acentuada coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que o constituem.	s.f. Transmissão de doutrinas, de lendas, de costumes etc., durante longo espaço de tempo, especialmente pela palavra: a tradição é o laço do passado com o presente; [...] Transmissão oral, às vezes registrada por escrito, dos fatos ou das doutrinas religiosas. / Costume transmitido de geração a geração: as tradições de uma região [...]	adj (lat <i>locale</i>) 1 Pertencente ou relativo a determinado lugar. [...] 4 <i>Inform</i> Diz-se de um sistema com acesso limitado. <i>sm</i> Localidade, lugar, sítio relativo a um acontecimento, a um fato [...] <i>Inform</i> : empresa ou pessoa que testa um novo <i>software</i> em ambiente real, antes de este ser liberado para comercialização, a fim de certificar-se de seu correto funcionamento.

Quadro1 – Significado das palavras Comunidade, Tradição e Local

Fonte: Michaelis (2011).

Para o ordenamento jurídico nacional a conceituação de “Povos e Comunidades Tradicionais”, considera povos e comunidades como:

I [...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (OCARETE, 2011).

Para o reconhecimento dos seus direitos, promovida pelo Decreto nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007, Art. 30, os seus territórios como sendo:

II [...] os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição de 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações. Ao adotar as formulações acima a pesquisa tem como preocupação respeitar a diversidade sócio-cultural e étnica que se manifestam entre os diferentes povos e comunidades. (OCARETE, 2011).

Segundo Buarque (2008, p. 33) “fatores ambientais, econômicos e culturais levam a formação de indetidades territoriais regionais [...] elemento importante dessa identidade socioeconômica e cultural são as cadeias produtivas dominantes [...]”, que no presente artigo se pode considerar as comunidades tradicionais locais como cadeias produtivas.

Os produtos locais são manifestações culturais encontradas em seus territórios e na comunidade que o gerou. Estes envolvem recursos da biodiversidade, modos tradicionais de produção, costumes e hábitos de consumo.

Conforme Krucken (2009) a valorização dos recursos e produtos locais é um tema rico e complexo, por envolver concomitantemente as dimensões físicas e cognitivas, que percebe as qualidades locais para compreender as relações produtivas e de consumo.

Para o reconhecimento da qualidade dos produtos pelos consumidores, faz-se necessária a eficiência na comunicação por meio de marcas, embalagens e outras interfaces. Promover a comunicação é necessário para que os recursos sejam convertidos em benefícios reais e duradouros a comunidade tradicional local. Assim, conforme Krucken (2009, p. 17) o design tem a tarefa de “mediar produção e consumo, tradição e inovação, qualidades locais e relações globais”.

Portanto, comunidades tradicionais locais é o termo correto para referenciar as definições acima apresentadas e objeto de estudo neste artigo. Sendo assim, as comunidades tradicionais locais realizam produtos artesanais a partir dos recursos naturais de seus territórios, com intuito de geração de renda para subsistência da comunidade e disseminação de sua identidade, por meio dos produtos à sociedade.

Valorização do Produto Local

Em várias partes do Brasil e do mundo existem grandes riquezas culturais, etnias e de recursos naturais, sendo que as culturas e etnias de comunidades tradicionais e locais que

denominamos neste artigo, desenvolvem produtos ligados a sua cultura e território.

Segundo Krucken (2009, p. 22) “estimular o reconhecimento das qualidades e dos valores relacionados com o produto local”, qualidades e valores estes referentes ao território, seus recursos e ao conhecimento incorporado daquela cultura em sua produção, “é uma forma de contribuir para tornar visível à sociedade a história por trás do produto”. Disseminar essa história por meio do produto é comunicar os elementos culturais e sociais, que identificam a comunidade tradicional e local, a qual oportuniza ao consumidor a apreciá-lo e avaliá-lo no momento da compra.

A grande dificuldade é comunicar as qualidades e valores dos produtos locais para pessoas que não conhecem aquela determinada cultura, identidade e seus territórios, de modo que possam reconhecer todo o contexto no produto apreciado.

Tais qualidades e valores podem ser analisados como o resultado da experiência do complexo território, produto e comunidade produtora e das relações que estabelecem entre o local-local e local-global.

Segundo Buarque (2008, p. 36) a globalização “provoca um movimento de uniformização e padronização de mercados e produtos” enquanto o local tem “diversificação e flexibilização” e criando e reproduzindo “diversidades, decorrentes da interação dos valores globais com os padrões locais, articulando o local ao global”. E ainda diz que “para assegurar o desenvolvimento local dentro da globalização é necessário que os atores e a sociedade locais estejam estruturados e mobilizados para definir e explorar suas prioridades e especificidades”. (BUARQUE, 2008, p. 41).

Para avaliação de produtos de comunidades tradicionais e locais existem seis dimensões de valor, defendidas por Krucken (2009, p. 27-28):

- 1. Valor funcional ou utilitário** – mensurado por atributos objetivos – caracteriza-se pela “adequação ao uso”. [...] sua composição, origem e propriedade de segurança de consumo [...];
- 2. Valor emocional** – de caráter subjetivo – incorpora motivações ligadas as percepções sensoriais [...] e ainda a dimensão “memorial” relativa a lembranças positivas e negativas de acontecimentos passados;
- 3. Valor ambiental** – referente à prestação de serviços ambientais por meio do uso sustentável dos recursos naturais;
- 4. Valor simbólico e cultural** – relaciona-se com a importância do produto nos sistemas de produção e de consumo, das tradições e dos rituais, [...] significados espirituais e origem histórica [...] e a condição de interpretação do produto em um referencial estético;
- 5. Valor social** – relaciona-se com os aspectos sociais que permeiam os processos de produção, comercialização e consumo dos produtos [...] valores morais dos cidadãos e atuação e a reputação das organizações na sociedade [...];
- 6. Valor econômico** – de caráter objetivo – baseia-se na relação custo/benefício em termos monetários.

Portanto, para considerar a valorização e a qualidade de um produto local devem estar envolvidos e relacionados os fatores da cultura local, de identidade e território, pois são a partir destes recursos que a comunidade tradicional e local produz seus produtos.

O Design deve contribuir no desenvolvimento de produtos que mostrem a cultura instalada e origem, passando de um ambiente artificial para um ambiente natural, desenvolvendo a ética do “fazer”. “Cultura é um conjunto de representações, símbolos, valores e crenças compartilhadas pelo grupo de pessoas que constitui a instituição”. (MOZOTA, 2011,

Gestão estratégica de Design e Aprendizagem Situada em comunidades tradicionais locais p. 188). Este fazer deverá ser rígido e direcionado pela Gestão Estratégica do Design.

Gestão Estratégica do Design e Design Social

O design tem uma visão de conhecimento como processo de construção, de “fazer sentido” colaborativo, com o objetivo de aprender fazendo (aprendizagem cognitiva), gerando um ambiente de trocas e construções de conhecimento. (MOZOTA, 2011).

Como conhecimento tem uma visão baseada na gestão como recurso da empresa, por meio dos processos de aprendizagem, produzindo, compartilhando e transferindo o conhecimento.

O quadro 02 abaixo apresenta definições e conceitos sobre a Gestão do Design segundo especialistas na área.

<p>A Gestão de Design tem como função, partindo da administração ou nível estratégico, diagnosticar a situação da empresa e de seus produtos, definir futuros processos produtivos, produtos e mercados, detectar os pontos fortes e fracos da empresa e de integrar o desenvolvimento dos produtos com as funções de produção, marketing e comunicação da empresa. (Centro Português de Design, 1997).</p>
<p>Para Wolf (1998:18), a Gestão de Design possui a função de “planejar e coordenar as estratégias correspondentes aos objetivos e valores da empresa, motivar os empregados e controlar os trabalhos, assegurando que cumpram com os objetivos, com os prazos e os custos planejados”.</p>
<p>Já para Merino (2003), a Gestão de Design consiste em integrar necessidades tecnológicas, sociais e econômicas, biológicas e efeitos psicológicos de materiais, forma, cor, volume e espaço. Proporciona a percepção do conjunto e do detalhe, do imediato e o final.</p>
<p>A Gestão de Design é um “conjunto de técnicas de gestión empresarial dirigidas a maximizar, al menor coste posible, la competitividad que obtiene la empresa por la incorporación y utilización del diseño industrial como instrumento de su estrategia empresarial”. (GIMENO, 2000, p.25).</p>
<p>A Gestão Estratégica do Design não está baseada somente na vantagem competitiva, mas também na construção de conhecimento utilizando da abordagem cognitiva de representação do ambiente empresarial (MOZOTA, 2011). A definição da estratégia tem como finalidade o desafio de novos cenários para a comunidade de acordo com as especificidades da mesma.</p>

Quadro 2 – Definições e Conceitos de Gestão do Design

Fonte: Própria (2011).

Para Porter (*apud* MOZOTA, 2011), a utilização da abordagem cognitiva no Design Estratégico mostra a ideia de que a empresa tem acesso ao seu ambiente, por meio de representações ou mapas mentais. A relação de uma empresa e seu ambiente deve estar baseada na compreensão de sua realidade, identidade e intercriação e codependência. A falta de compreensão da realidade da empresa pode levar a erros na tomada de decisão. O processo de fazer sentido tem raízes na identidade social, e não há representação mental independente de uma identidade. A intercriação e codependência são reciprocidades da construção da empresa por seu ambiente e de seu ambiente pela empresa, para que existam as representações cognitivas.

O potencial da Gestão Estratégica do Design deve ser incorporado ao processo de produção desde a concepção da estratégia da empresa, passando pela concepção do produto, fases do ciclo de vida, integrado com outras áreas, e sob todos os aspectos em que possa ser

aplicada como marca, identidade visual, embalagem do produto, embalagem de transporte, comunicação, material de apoio de vendas, arquitetura entre outras, segundo Mozota (2011). Com a contribuição do Design, o desenvolvimento de uma visão estratégica e os objetivos compartilhados deve estar inserido em um processo consciente dos diversos atores (designer, comunidade tradicional e consumidor).

A Gestão de Design também pode contribuir sob a vertente explorada de forma estratégica do ponto de vista social. Schiavo (2003 *apud* MARTINS; MERINO, 2008, p. 76) cita que “a área social é um setor da economia que demanda investimentos, tanto em recursos financeiros quanto humanos, e produz retorno econômico e social”.

O Design Social discute o papel da atividade perante a sociedade, mostrando suas potencialidades escondidas atrás de sua beleza, materializando uma ideia que proporciona um processo de transformação na sociedade. (PAPANECK, 1981).

Os projetos de design social podem ser de representações de conceitos com significações simbólicas, as quais não precisam ser identificadas pela população, embora possam modificar seus comportamentos. (SHIAVO, 2003). Os projetos contribuem no exercício social, gerando processos de mudanças comportamentais, buscando a consciência coletiva e otimizando o produto, sua qualidade, o ambiente, sua marca e informação. (MARTINS; MERINO, 2008).

Nesse sentido, a Gestão de Design pode utilizar das oito ações essenciais para promover os produtos e territórios, proposta por Krucken (2009, p. 98), a saber: 1) Reconhecer as qualidades do produto e do território; 2) ativar as competências situadas nos territórios; 3) comunicar o produto e o território; 4) proteger a identidade local e o patrimônio material e imaterial; 5) apoiar a produção local; 6) promover sistemas de produção de consumo sustentáveis; 7) desenvolver novos produtos e serviços que respeitem a vocação e valorizem seu território; 8) consolidar redes no território.

De acordo com o levantamento teórico pesquisado, pode haver uma relação de complementariedade entre a comunidade tradicional local e a aplicação da técnica de aprendizagem situada em seu contexto real por meio da gestão estratégica do design, com o objetivo de explicitar o processo de aprendizagem que resultará na valorização dos produtos locais, da identidade e dos territórios das comunidades tradicionais.

Metodologia

Este artigo tem como objetivo explicitar o processo de aprendizagem situada como estratégia cognitiva por meio da gestão de design nas comunidades tradicionais ou locais, para a valorização dos produtos, identidades e territórios.

Para este levantamento teórico foi utilizada a pesquisa bibliográfica, pois se utiliza de material publicado, constituído principalmente de livros, artigos, teses, dissertações e atualmente com material disponibilizado na *internet*. A pesquisa possui caráter exploratório ao proporcionar uma visão geral na etapa inicial da obtenção de conhecimento sobre o assunto a partir do levantamento bibliográfico.

Assim, os conceitos e definições apresentados pelos autores sobre os assuntos de cognição e aprendizagem situada, comunidades tradicionais, locais e seus territórios, design e gestão estratégica do design servirão como base para a compreensão da análise dos quadros comparativos entre a aprendizagem tradicional e aprendizagem situada nas comunidades tradicionais e locais em seus territórios.

Resultados e Discussão

As tabelas a seguir auxiliam na compreensão visual da informação entre os assuntos abordados, em que a Gestão de Design pode utilizar a aprendizagem situada como estratégia cognitiva nas comunidades tradicionais locais e seus territórios. A análise que será apresentada é referente a Tabela 1 - Relação entre Aprendizagem Tradicional e Aprendizagem Situada e a Tabela 2 - Modos de Aprendizagem Situada de Lave e Wenger (1991).

Tabela 1 - Relação entre Aprendizagem Tradicional e Aprendizagem Situada.

Aprendizagem tradicional	Aprendizagem situada
<ul style="list-style-type: none"> •Fora do local de trabalho; •Separada do trabalho, i.é., não no momento em que se necessita de conhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> •No local de trabalho; •Integrada ao trabalho; •Sob demanda, no momento necessário (JIT); •Pode ser feita a distância.
<ul style="list-style-type: none"> •Formação em grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> •Formação individualizada e flexível, em que cada um aprende a seu próprio ritmo.
<ul style="list-style-type: none"> •Aprendizagem passiva, geralmente considerada pouco eficaz (devido ao esquecimento). 	<ul style="list-style-type: none"> •Aprendizagem muito interativa e visual, considerada como mais eficaz.
<ul style="list-style-type: none"> •Pouco informatizada. 	<p>Amplamente suportada pela informática:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Ambiente informatizado de educação; •Formação assistida por computador; •Simulador; •Sistemas de apoio a tarefa •Interfaces multimídia •Via WEB.
<ul style="list-style-type: none"> •Abordagem linear. 	<p>Abordagem não linear:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Hyperlinks nos documentos digitais; •Estrutura não linear nos documentos de papel.

Fonte: Lave e Wenger (1991 apud SANTOS, 2011)⁴

A tabela 1 mostra duas formas de aprendizagem, sendo a aprendizagem tradicional e a aprendizagem situada. Ao compará-las se percebe as diferenças contrastantes, pois a aprendizagem tradicional pode acontecer fora do local de trabalho e separada do trabalho, isto é, em momento em que não se necessita do conhecimento. Na aprendizagem situada o aprendizado deve acontecer no local de trabalho e estar integrado ao trabalho, pois enquanto os aprendizes estão no processo das práticas, estão observando os outros aprendizes e compartilhando informações sobre tal conhecimento do saber-fazer local. Para a valorização de seus produtos como consequência desse aprendizado, a valorização do patrimônio cultural imaterial e material é fundamental, pois é a partir deles que serão percebidas e reconhecidas as qualidades locais. A comunidade exercendo o aprendizado na prática com seus produtos locais e com os recursos naturais, além de adquirirem de fato a incorporação do trabalho praticado, perceberão, com mais riqueza de detalhes, sua própria cultura e história, sua identidade local e seu território podendo explorar mais seus recursos naturais de forma sustentável, contribuindo não só no reconhecimento de seus trabalhos artesanais, mas também na geração de renda para a comunidade em geral.

Na aprendizagem tradicional o aprendizado acontece de forma grupal, enquanto na situada é feita de forma individualizada e flexível, possibilitando cada aprendiz, aprender em seu próprio ritmo, ocorrendo posteriormente à regulação do grupo. Portanto, a comunidade deve trabalhar seus saberes coletivamente, compartilhando informações entre os aprendizes dessa equipe e percebendo o desenvolvimento de habilidades de cada aprendiz. A individualidade na aprendizagem situada é importante devido à soma de competências, pois a interação entre os aprendizes pode ser contida de forma cooperativa ou complementar. Os

aprendizes compartilham informações sobre crenças, tradições, valores, entre outros, sempre caminhando da periferia da comunidade para o centro na aquisição de conhecimento. Quando o aprendiz novato é da periferia a caminho do centro e o centro é o perito, ou seja, um membro mais antigo que insere e compartilha conhecimento ao novato ou aprendiz. Cada participante possui um ritmo e o mesmo deve ser respeitado, porém com o processo de aprendizagem colaborativo e compartilhado, permeia-se a regulação do aprendizado adquirido, somando então as competências de cada participante da comunidade tradicional local.

Como a aprendizagem tradicional acontece de forma passiva, é considerada pouco eficaz, devido ao seu esquecimento sendo o oposto da aprendizagem situada, pois ela tem interatividade com o ambiente real e possui uma visualização autêntica, tornando-a eficaz. Neste caso, então, a comunidade tradicional local trabalha ativamente com seus recursos naturais que são matérias-primas de seus produtos artesanais, incorporando cada vez mais em seus produtos sua identidade e territorialidade, agregando informação ao produto e tornando a aprendizagem dessa comunidade mais eficaz. A comunidade torna-se ativa quando as pessoas interagem, porque aprendem conjuntamente e constroem relações.

O emprego de tecnologias é de grande utilização na aprendizagem, porém a informatização na aprendizagem tradicional é pequena, limitando o aprendizado. Pois na aprendizagem situada a mesma pode ser assistida por computador, sendo que as comunidades podem optar por recursos tecnológicos diferentes para trabalharem seus saberes, possibilitando novas ideias que podem ser testadas anteriormente por recursos computacionais, trabalhando diferentes possibilidades de produção e variedades de produtos.

A abordagem de aprendizagem tradicional é linear, seguindo um único caminho, um único formato, ou seja, um sistema fechado. Já a aprendizagem situada utiliza de uma abordagem não linear, tornando-se uma aprendizagem múltipla de formas e caminhos. Neste caso, a comunidade passa de um sistema fechado de desenvolvimento de produtos, para um sistema aberto, permitindo novas conexões com novos modos de saber relacionados com cultivo, processo de fabricação, processos produtivos, os quais estão ligados com a identidade e o território, valorizando os produtos que carregam em si todo esse conjunto de elementos combinados que determinam sua personalidade, disseminando mais informação e tornando visível a sociedade a sua história.

Tabela 2- Modos de Aprendizagem Situada

Atividades:	Estratégias:	Raciocínios:
<ul style="list-style-type: none">➤ Pela leitura;➤ Pelo acompanhamento da formação (fazer falar);➤ Pela observação de demonstrações, de exemplos, de filmes,...➤ Pela ação:<ul style="list-style-type: none">• Fazer exercícios estruturados;• Pela exploração / descoberta.	<ul style="list-style-type: none">➤ Ensaio e erro;➤ Experimentação;➤ Produzir e testar;➤ Repetição.	<ul style="list-style-type: none">➤ Por analogia;➤ Por dedução;➤ Por indução;➤ Por abdução;➤ Por adução;➤➤ Por insight.

Fonte: Lave e Wenger (1991 apud SANTOS, 2011)

A Tabela 2 acima apresenta os modos de aprendizagem situada, classificados pelas categorias de: atividades, estratégias e raciocínios.

A categoria de atividades é composta por leituras, por acompanhamento de formação (fazer e falar), pela observação de demonstração e de exemplos, e por ações de práticas de exercícios estruturados (solucionar problemas e analisar soluções) e exploração e descoberta.

As leituras, neste caso são utilizadas em interesses grupais por determinados assuntos, os quais posteriormente são discutidos e transformam a informação coletada nas leituras em conhecimento. Essas discussões direcionadas às práticas de interesse coletivo ajudam no exercício consciente da cognição situada, a qual é utilizada juntamente com a aprendizagem situada.

A atividade de acompanhamento de formação (fazer e falar) é de grande importância para os participantes que aprendem de forma individualizada, ou tem alguma dificuldade no processo de assimilação. A partir de raciocínio anterior ao processo do fazer, a utilização da fala entre o raciocínio e o ato de fazer ajuda na assimilação e acomodação do aprendizado na memória.

Nas comunidades tradicionais locais podem ser praticadas as técnicas de observação, pois com a disposição existente de habilidade manual, o aprendizado acontece de maneira natural, não necessitando executar ação para reter a informação.

A atividade aplicada pela ação de fazer exercícios estruturados, os quais podem ser a resolução de um problema, seja na criação do produto, em sua produção ou a matéria prima, a comunidade deve discutir o assunto até chegar a uma solução adequada, sem quebrar as tradições, respeitando o território e seus recursos naturais.

A ação da exploração e descoberta na comunidade tradicional local deve ser ativa, devido ao objetivo de valorização do produto local e desenvolvimento territorial, pois são capitais que devem ser explorados de forma sustentável, para manter a preservação ambiental local e a história da cultura. Porém, há muito para ser explorado e descoberto em um território com riquezas naturais e em comunidades com identidades e tradições.

Na segunda categoria, a das estratégias, a tabela informa a utilização de técnicas de ensaio e erro, experimentação, produção e teste e a repetição. Essas estratégias já existem de forma inconsciente nas comunidades tradicionais locais, pois, é a partir da experimentação que se conclui a certeza ou não de algo, neste caso a criação e o desenvolvimento dos produtos locais.

O ensaio e o erro condizem em probabilidades de quanto mais se faz, menor a chance de errar, isso interfere diretamente na qualidade dos produtos artesanais locais, pois cada vez que se faz uma nova peça tem-se a aquisição de prática até uma qualidade que se pontua desejada. No desenvolvimento de habilidades o processo é similar, pois cada execução de determinado modo artesanal, como na ação de trançar com fibras, quanto mais se pratica, mais habilidoso se torna, incorporando o processo e resultando em uma competência adquirida. Cada produto desenvolvido tem função determinada e matéria- prima adequada para complementação desta função. Para a inserção do produto no mercado é necessário antes produzi-lo e testá-lo para, posteriormente ser aprovado, cujos fatores de qualidades são estabelecidos pela comunidade, e o mesmo ser disponibilizado para apreciação, avaliação e conseqüentemente a compra do consumidor.

A estratégia de repetição é comum na vida de qualquer ser humano, é a partir da repetição que nos aperfeiçoamos. O mesmo acontece nas comunidades tradicionais locais, principalmente quando se trata de produção. A sistematização de uma produção implica em repetições, as quais devem ser bem planejadas com algumas das estratégias citadas anteriormente, para que o processo de produção seja possível de replicação.

A utilização das estratégias, na aprendizagem situada nas comunidades tradicionais locais permitem grandes descobertas de novas habilidades e competências, melhoria na qualidade dos produtos artesanais locais e em seu desenvolvimento e adequação de produção com matérias primas de seus territórios.

Na categoria de raciocínios utilizam-se o uso métodos e técnicas que são considerados “atividades sistemáticas racionais” para alcançar com segurança um objetivo. (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 65). E na aprendizagem situada são aplicados vários métodos para a aquisição do conhecimento como: analogia (semelhança entre coisas diferentes), dedução (trabalhar a partir de dados existentes, partindo do geral para o particular), indução (raciocínio em que de fatos particulares se tira uma conclusão genérica, o ensino indutivo é aquele que faz o aluno descobrir fontes do saber), abdução (utiliza dados particulares para chegar a conclusões mais simples), adução (apresentar e expor informações e conhecimentos) e insights (conhecimento imediato), todos por práticas individualizadas ou coletivas e de forma colaborativa.

Nas comunidades tradicionais locais a utilização destes métodos aplicados na aprendizagem situada, contribui para o aprofundamento de conhecimentos compartilhados com toda a comunidade, permitindo ramificações de novas informações, as quais serão incorporadas com a prática cotidiana entre os indivíduos daquele grupo. Os resultados serão percebidos na criação de novos produtos, os quais serão mais comunicativos, resgatando tradições e reforçando a identificação da cultura e do território aos consumidores e a sociedade. Revisando a fundamentação teórica, em relação às ações definidas por Krucken (2009, p. 98), destaca-se a segunda ação proposta, que visa ativar as competências situadas no território cujas questões chave abordam os pontos fortes e fracos do território e sua infraestrutura, as redes de colaboração e as possibilidades de interação com instituições de ensino e pesquisa na região, além de estudar a promoção de oportunidades de sinergia⁵ entre os aprendizes e a comunidade local.

Portanto, as tabelas 1 e 2 apresentadas anteriormente demonstram que a técnica da aprendizagem situada como estratégia cognitiva, pode ser eficiente por meio da aplicação da gestão de design nas comunidades tradicionais ou locais, com o objetivo de valorizar os produtos, identidades e seus territórios.

Considerações Finais

A partir das tabelas 01 - Demonstração entre Aprendizagem Tradicional e Aprendizagem Situada e a da tabela 02 – Modos da aprendizagem situada, tem-se como resultado o benefício e a interatividade dessa técnica para as comunidades tradicionais locais por meio da gestão do design.

A gestão estratégica do design pode contribuir sob a vertente explorada do ponto de vista social, neste caso o capital cultural imaterial, adequando a vantagem competitiva, com a inserção dos produtos no mercado.

O Design pode contribuir na busca de agregar valor aos produtos e estimular e fortalecer a identidade local. Porém, a aplicação da aprendizagem situada nas comunidades depende das interações e interesses dos participantes, os quais são os beneficiários com a produção local, o desenvolvimento e o reconhecimento de suas identidades e territórios.

As técnicas da aprendizagem situada aplicadas nos participantes das comunidades por meio da gestão estratégica do design geram resultados conscientes e inconscientes, a partir de sequências de ações que são praticadas no dia-a-dia ao longo do tempo, descobrindo novas

Gestão estratégica de Design e Aprendizagem Situada em comunidades tradicionais locais
habilidades e transformando outras já existentes em competências.

Conclui-se que a aplicação da aprendizagem situada em comunidades tradicionais locais, traz benefícios devido à conscientização da realidade da comunidade sobre sua tradição e território, possibilitando a valorização do produto local, a exploração sustentável e o desenvolvimento do território como parte da identidade local, e ainda, a disseminação da cultura interpretada nos produtos pelos consumidores e a sociedade. São considerados como processos de beneficiamento, que representam parte do conhecimento tradicional e da herança cultural.

Notas

¹Escolha de um conjunto de atividades para oferecer uma combinação única de valor, neste caso utilizando a atividade Cognitiva. (MOZOTA, 2011).

² “A Gestalt é uma escola de psicologia experimental do séc XIX [...] que atuou principalmente no campo da teoria da forma, com contribuição relevante aos estudos da percepção, linguagem, inteligência, aprendizagem, memória, motivação, conduto exploratória e dinâmica de grupos sociais”. (GOMES FILHO, 2000, p. 18).

³O mapa cognitivo refere-se “ao processo pelo qual um organismo representa o ambiente em seu próprio cérebro, uma atividade que os cientistas do cérebro mais contemporâneos parecem concordar como sendo uma das principais funções do cérebro” (LASZLO, et al, 1995).

⁴Material didático da aula proferida no dia 14/05/11, na disciplina Introdução as Ciências da Cognição, Programa de pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – UFSC.

⁵Cooperação entre grupos ou pessoas que contribuem, inconscientemente, para constituição ou manutenção de determinada ordem ecológica, em defesa dos interesses individuais. (SINERGIA... 2011).

Referências

ANTONELLO, Claudia S. *Aprendizagem na ação revisitada e sua relação com a noção de competência*. Comportamento Organizacional e Gestão, v.12, n. 2, p. 199-220, 2006.

BROWN, J.S.; COLLINS, A.; DUGUID, S. *Situated cognition and the culture of learning*. Educational Researcher, v. 18, n. 1, p. 32-42, 1989.

BUARQUE, S.C. *Contruindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CENTRO PORTUGUÊS DE DESIGN. *Manual de Gestão do design*. Porto, 1997.

Fialho (2011) FALTA a referencia... foi citado

GOMES FILHO, J. *Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo. Escrituras Editora, 2000.

KRUCKEN, L. *Design e território: valorização de identidades e produtos locais*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2010.

Seila Cibele Sitta Preto; Eugenio Andrés Díaz Merino; Luiz Fernando Gonçalves de Figueiredo
LASZLO, E. et al. *The evolution of cognitive maps – new paradigms for the twenty-first century*. Amsterdam: Gordon and Breach, 1995.

LAVE, J.; WENGER, E. *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1991.

MARTINS, R. F. F.; MERINO, E. A. D. *A Gestão de Design como Estratégia Organizacional*. Londrina: EDUEL, 2008.

MCLELLAN, H. *Situated Learning Perspectives*. Englewood Cliffs, NJ: Educational Technology Publications, 1995.

MOZOTA, B. B.de. *Gestão do Design: usando o design para construí valor na marca e inovação corporativa*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

OCARETE. Apresentação. Disponível em: <<http://www.ocarete.org.br/povos-tradicionais/apresentacao/>>. Acesso em: 15 maio 2011.

ORIGEM DA PALAVRA. Consultório Etimológico. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/pergunta/pergunta-10689/>> Acesso em: 15 maio 2011.

PAPANECK, V. *Design for the real world*. London: Thames and Hudson, 1981.

PIAGET, J. *Aprendizagem e conhecimento*. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

SINERGIA. In: MICHAELIS. Dicionário. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=>> Acesso em: 30 agosto 2011.

TERRA, J. C. C. *Gestão do Conhecimento*. São Paulo: Editora Negócio, 2000.

WENGER, K.; Lave, J. *Communities of Practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.